

Terrorismo na Tríplice Fronteira

A intencionalidade nas acusações dos Estados Unidos sobre um suposto terrorismo na fronteira

*Juan Talavera*¹

juantalavera@bol.com.br

RESUMO: Neste artigo objetiva-se problematizar as acusações norte-americanas sobre a existência de células terroristas na Tríplice Fronteira entre Brasil, Paraguai e Argentina. Os EUA apresentam acusações de supostos terroristas na região da fronteira, na qual viveriam extremistas perigosos, e fomentam a idéia de que: “os Estados Unidos devem intervir para trazer paz e democracia aos Latino-Americanos”. Acredita-se que as acusações têm finalidade intervencionista e possibilitam ampliar um discurso amparado pela mídia e sujeita a ignorância das massas para que possam fazer suas intervenções e algemar nossas riquezas.

PALAVRAS-CHAVE:

Terrorismo, Tríplice Fronteira, Estados Unidos.

¹ Graduação em História, na Faculdade União das Américas – UNIAMÉRICA. Educador Social do Cense-Foz.

INTRODUÇÃO

A Tríplice Fronteira, denominação dada à região que faz fronteira entre Brasil, Paraguai e Argentina, vem sofrendo acusações consecutivas dos Estados Unidos sobre supostas células terroristas após setembro de 2001, data em que as Torres Gêmeas do *World Trade Center* (DWIYER, 2002) foram derrubadas através de ataques terroristas. Departamentos governamentais estadunidenses, aproveitando-se da grande mídia que o atentado às torres gêmeas gerou, começaram a fazer acusações sobre o terrorismo em várias partes do mundo.

No ano de 2003, os Estados Unidos criaram a *National Strategy for Terrorism*², estratégia que visa “parar os ataques terroristas contra os EUA, seus cidadãos, seus interesses e seus aliados e, finalmente criar um ambiente internacional hostil para os terroristas e para aqueles que prestam apoio.” (Disponível em: www.whitehouse.gov/news/releases/2003/02/counter_terrorism/counter_terrorism_strategy.pdf. Acesso em 15 dezembro de 2005, às 22h23min).

Baseado nesse plano de estratégia os EUA começam a fomentar e generalizar internacionalmente o medo de supostos terroristas, com a intenção de intervir politicamente, economicamente, ideologicamente e militarmente, acredita-se que isso possa ser um objetivo de aumentar sua hegemonia imperialista no contexto atual do séc. XXI.

Dentro do contexto da Tríplice Fronteira, busca-se, neste trabalho, articular e confrontar várias visões de como se

² Documento político que determina medidas para combater os terroristas e países que os apóiam.

desenvolveram as acusações a partir de 2001 e suas implicações na região da Tríplice Fronteira, levantando aspectos da geopolítica das Três Fronteiras, e de análise do discurso das acusações, do contexto histórico, utilizando-se da história imediata como referencial para a construção do trabalho.

No presente artigo objetiva-se problematizar o contexto das acusações providas de órgãos governamentais e órgãos terceirizados estadunidenses, e quais seriam os objetivos e intencionalidade dos mesmos. Não temos a intenção de questionar a existência ou não de células terroristas.

Os Estados Unidos em sua *War for Terrorism*³ utilizam a palavra terrorismo como álibi para a justificação de medidas abusivas, em que as tropas dos EUA se apropriam de espaços estratégicos para o auxílio da sustentação da sua economia, causando guerras, saques e roubos nos países pobres, com o discurso que estão combatendo o terrorismo ou autoritarismo e restaurando a democracia.

O trabalho se desenvolve através da problematização das acusações sobre o terrorismo na Fronteira e qual o objetivo dos discursos, buscando a reflexão histórica e a inserção interdisciplinar de conceitos da psicologia, sociologia e geopolítica para buscar uma leitura sobre as intenções das acusações sobre o suposto terrorismo nas Três Fronteiras.

A maioria das fontes é de autores contemporâneos utilizando como referencial bibliográfico Huntington (1997), Moniz (2005), Bobbio (2003), entre outros, e diversos recortes de jornais, revistas e

³ Discurso político difundido amplamente pelo presidente dos EUA, George Bush, no qual utiliza e cria medidas político-institucionais para “guerrear contra os terroristas espalhados no planeta terra”.

artigos da web, buscando a confrontação e complementação dos textos.

Este trabalho insere-se no contexto da história imediata, em que o historiador participa da história que ele escreve, buscando “historicizar” fatos contemporâneos relacionando o passado-presente e concatenando as idéias com conceitos e teorias.

Neste trabalho, quando são mencionados as acusações dos EUA, trata-se daquelas provenientes de discursos públicos, relatórios oficiais e especulações impressas, que se busca analisar ao longo do trabalho, às vezes mudando de “EUA” para Estadunidenses e Norte-Americanos.

Não só a história trabalha com o presente, mas a sociologia, o jornalismo, as ciências da comunicação, os estudos culturais, a antropologia social, a psicologia social, a etnografia e diversas outras ciências do conhecimento. (BEBIANO, 2003 disponível em: <http://ruibebiano.net/docs/estudos/hrecente.pdf> Acesso em: dezembro 23 de 2005 às 22h14 min).

Toda história é construída através das abstrações mentais do historiador em relação ao tempo — passado/presente — em que o passado próximo serve da mesma forma que o longínquo para compreender e escrever a História.

Dentro da investigação da intencionalidade das acusações sobre a Tríplice Fronteira, segundo Maria do Pilar Araújo Vieira, “a intencionalidade já passa a ser alvo de preocupação por parte do historiador, num duplo sentido: a intenção do agente histórico presente no documento e a intenção do pesquisador ao se acercar desse documento” (VIEIRA, 1993, p.19).

Dentro destas perspectivas focaliza-se a intenção das acusações, inseridas no contexto local da Tríplice Fronteira e no contexto internacional da geopolítica com Estados Unidos.

ACUSAÇÕES E SUPOSIÇÕES

Após os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001, diversos órgãos governamentais e internacionais e discursos políticos estadunidenses continuaram a reforçar suposições de células terroristas espalhadas por todo mundo. A rede terrorista Al-Qaeda foi comparada como uma multinacional na qual tinha “empregados suicidas” nos cinco continentes. “A Al-Qaeda é uma rede de grupos terroristas espalhados pelo mundo com uma presença praticamente em todos os países” (ABBOTT, 2003, p.19).

No auge do medo e das especulações pós 11/09/2001 foram formuladas uma série acusações sobre o envolvimento de terroristas da Tríplice Fronteira, e especulações de que Osama Bin Laden havia visitado as Cataratas.

(...) a revista "Vanity Fair" afirmando que lideranças graduadas da Al Qaeda haviam recentemente realizado reuniões de alto nível e que existiam dúzias de campos de treinamento de terroristas na selva circundante à cidade. Logo depois uma revista brasileira publicou uma matéria dizendo que o próprio Osama Bin Laden, em pessoa, pode ter realizado uma visita secreta à cidade de Foz do Iguaçu. (Disponível em: <http://h2foz.com.br/modules/noticias/article.php?storyid=4200> . Acesso em 22 de 2005 às 21h45min).

Segundo Kuri (2001, p.1069), “terrorismo é um sistema de governo por meio do terror ou medidas violentas, ou conjunto de atos subversivos tendentes a perturbar a ordem estabelecida”.

Utilizando o discurso de “guerra ao terrorismo”⁴ distintas ramificações governamentais estadunidenses fizeram diversas acusações referindo-se à Tríplice Fronteira, disseminando o medo e insegurança internacional para a região.

Mas independente das acusações dos Estados Unidos para a região Tri-fronteiriça, utilizaram-se do discurso de guerra ao terrorismo para disseminar o medo, como se o “terror” estivesse em todas as partes, sem nomear em qual país, ou com quem entrariam em guerra, mas apenas a guerra contra o terror.

Eles dão a isso o nome de guerra contra o “terror”? Como é, exatamente, que se conduz uma guerra contra um substantivo? Guerras se fazem contra países, religiões e povos. Não contra substantivos ou problemas (MOORE, 2003, p. 114).

Após disseminar o medo de potenciais terroristas em todo o mundo, os Estados Unidos aproveitando da posição estratégica da Tríplice Fronteira, se interessaram por fomentar a existência de terroristas em seu espaço social⁵.

Devido à grande população oriunda de países do Oriente Médio na região da Tríplice Fronteira, que segundo Vieira, (2005, p. 29) na aproximadamente 12.000 residentes em Foz do Iguaçu, houve um pressuposto associativo que nessa região poderia existir células terroristas. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia

⁴ Discurso amplamente divulgado no Governo George Bush, para combater o terrorismo.

⁵ Espaço Social: área em que dominam certas vigências sociais ou um tipo de cultura, que caracterizam as pessoas que nela se encontram integradas.

Estatística (WEBBER, 2001, p.125) habitam oficialmente na região cerca de 4000 estrangeiros oriundos dos países da Liga Árabe⁶.

Por uma associação grosseira, na qual em Foz existem estrangeiros e descendentes oriundos de países do Oriente Médio, sendo que alguns destes países convivem com a realidade das guerras e terrorismo, os Estados Unidos visaram denegrir a imagem de Foz do Iguaçu, criando um discurso generalizado, como se a comunidade Islâmica do Brasil fosse de caráter terrorista.

Alguns políticos norte-americanos afirmaram que os EUA poderiam até intervir militarmente na Tríplice Fronteira, segundo Canzian (2004) em artigo para o Jornal Folha de S. Paulo. Segundo o autor a revista “Newsweek” (hebdomadário internacional), o pentágono afirmou que a Tríplice Fronteira e regiões no Sudeste Asiático seriam alvos em potencial das Tropas dos EUA com objetivo de surpreender os terroristas.

Existem muitas especulações sobre terrorismo, a maioria é proveniente dos departamentos estadunidenses, que acabam repercutindo na mídia nacional e internacional.

Segundo o relatório “Padrões do Terrorismo Global” difundido pelo Escritório de Programas Internacionais de Informação do Departamento de Estado dos EUA:

[...]além do tráfico de drogas e de armas, contrabando e fraudes de documentos e moedas, lavagem de dinheiro e pirataria de produtos há muito estarem associados à região, ela também é conhecida como eixo de atividades do Hezbollah e do Hamas[...] Disponível em: <http://terrorismo.embaxada-americana.org.br/?action=artigoIdartigo=596>. Acesso em: 23 fevereiro de 2006 as 16h25min).

⁶ A Liga Árabe é constituída por 22 países de língua árabe que têm grande representatividade religiosa Islâmica.

Esses relatórios emitidos pelos Estados Unidos que acusam a Tríplice Fronteira como “hospedeira de células terroristas” acabam alarmando a sociedade, e associando o tráfico de drogas, armas, contrabando, pirataria e lavagem de dinheiro ao terrorismo, denegrindo assim a imagem da região internacionalmente, como uma terra sem leis e controle, na qual os grupos terroristas prevalecem.

Devido à falta de provas concretas – fatos – sobre supostos terroristas e organizações terroristas na Tríplice Fronteira, acabam associando ao terrorismo outros crimes e práticas existentes na área⁷, como o contrabando, lavagem de dinheiro e tráfico de drogas, para dar um pouco de “sustentação teórica” – popularmente conhecido como “encher lingüiça” – nos mesmos relatórios.

No relatório preparado pela Federal Reseach Division (Divisão Federal de Pesquisa), da biblioteca do Congresso dos Estados Unidos em julho de 2003:

Desde o princípio da década de 1980, terroristas têm enviado milhares de seus bandos para a região quase inacessível de selva e montanha entre Brasil, Argentina e Paraguai (conhecida como tríplice fronteira). Foram estabelecidos campos de treinamento terroristas e depósitos de armas, virtualmente fora do alcance das autoridades legais locais ou da força armada; e elementos do Hezboláh, do Al-Gama a Al Islamyá, da Jihad Islâmica, e da Al-Qaeda, que atuam livremente, em conjunto com agentes do crime organizado local e representantes corruptos. (Disponível em: <http://www.midiasemmascara.org/artigo.php?sid=2456> Acesso em: 14 de janeiro de 2006 as 22h46min).

⁷ Na área da Tríplice Fronteira existe uma expressiva mobilidade de tráfico de drogas, armas e mercadorias que não pagam imposto.

Pode-se notar nesse trecho do relatório que o mesmo foi produzido sem nenhum cuidado profissional ou estudo específico, ao qual citas que os supostos terroristas estariam numa “região quase inacessível de selva e montanha entre Brasil, Argentina e Paraguai (conhecida como tríplice fronteira)”. Na região da Tríplice Fronteira não existe um território elevado ou com montanhas na qual terroristas poderiam criar bases militares às escondidas.

Apesar do que diz o relatório, a existência de campos de treinamento terroristas, que se assemelhariam aos que existiam no Afeganistão, é pouco provável, e muito menos provável a existência de grupos terroristas nessa região que trabalhasse em sociedade com o crime organizado local e com representantes políticos corruptos, pois o caráter dos grupos terroristas é o anonimato, segundo (CLUTTERBUCK, 1979).

Ainda analisando outro trecho do relatório citado acima, o autor utilizou: “terroristas enviaram milhares de seus bandos”, empregando a palavra “bando” defectivamente, no qual é utilizada correntemente como coletivo de animais. Isso acaba estigmatizando a comunidade islâmica que habita a região da Tríplice Fronteira. Ao comparar a comunidade árabe local com os animais, o autor enfatiza a identidade de barbárie na região.

Uma das preocupações mais antigas dos homens é a de se proteger contra os outros homens. E esses outros homens são mais perigosos quanto menos isolados, mais numerosos e mais organizados. Um grupo é mais perigoso do que um indivíduo. Por outro lado, são mais perigosos se estiverem armados. Enfim, *são mais perigosos quanto mais estranhos a mim* eles forem, menos próximos, por suas origens, entretanto, basta-se vizinhos para poderem ameaçar-me e constituir um perigo. *O maior perigo vem da coletividade armada de origem estrangeira* que habita perto de mim. (LOBROT, 1977, p. 33 *Grifo nosso.*)

O interesse estadunidense nas acusações sobre supostos terroristas é alarmar a sociedade internacional para que associem a comunidade Islâmica residente na Tríplice Fronteira como potenciais terroristas que praticam crimes de lavagem de dinheiro, contrabando de drogas e armas para financiar o terrorismo internacional.

O administrador do Drug Enforcement Administration (agência de repressão a drogas) Asa Hutchinson declarou perante o Comitê de Relações Internacionais da Câmara que a área da tríplice fronteira continua a ser um refúgio para extremistas islâmicos(...).

Na declaração integral, Asa Hutchinson associa o terrorismo ao tráfico de drogas existente na região e outras operações ilegais que ameaçam a ordem mundial e devem ser olhadas com preocupação pelo mundo (Disponível em: <http://terrorismo.embaixada-americana.org.br/?action=artigo&idartigo=565>. Acesso em fevereiro de 2006 as 15h23min).

Esse relatório, traduzido em diversas línguas disponíveis no site da embaixada norte-americana de vários países se espalha rapidamente pelos continentes, nos quais os jornais continuam divulgando e problematizando a questão.

Segundo a matéria de um jornal de Foz do Iguaçu (ANDRION, 2006, p. 12), o governo dos Estados Unidos divulgou no dia 1º de março de 2006 um relatório governamental que reafirma a existência de diversas células terroristas na Tríplice Fronteira, somado ao contrabando e lavagem de dinheiro cometido pelos extremistas. O mesmo documento estadunidense serve para o congresso avaliar e sugerir ações para assistência estrangeira entre os Estados Unidos e

outras nações para intervir nesses países e buscar acabar com essas operações ilegais.

Nessa perspectiva vemos como esse relatório, produzido pelo departamento de Estado norte-americano e entregue para o Congresso Estadunidense tem o caráter tanto de chocar a opinião pública, associando a Tríplice Fronteira a um estado de barbárie, como também para legitimar nacionalmente e internacionalmente intervenções políticas e até militares na região.

Após algumas semanas da divulgação desse relatório surge a manifestação Norte-Americana de criar “Escritórios de Transparência Comercial” nos países da Tríplice Fronteira. Basicamente, nos escritórios trabalhariam funcionários norte-americanos em conjunto com a Receita Federal e Polícia Federal Brasileira para combater as atividades ilegais de contrabando e lavagem de dinheiro que supostos terroristas executam na região, como foi retratado no jornal a Gazeta do Iguazu (FIGUEIRA, 2006, p. 3).

Segundo Figueira, a idéia de colocar escritórios estadunidenses na Tríplice Fronteira é um risco intervencionista na soberania dos países da região. Já para o escritor e professor Moniz Bandeira, “células terroristas na Tríplice Fronteira é uma besteira, é um pretexto para manter sua presença bélica no Paraguai e em outras partes da América do Sul” (FIGUEIRA, 2006, p. 3).

Moniz Bandeira reafirma que “Os Estados Unidos podem até mesmo forjar um atentado terrorista em Foz do Iguazu para acusar terroristas e, na verdade, foi praticado pela CIA. Eles fazem isso” (FIGUEIRA, 2006, p. 3).

Historicamente, os Estados Unidos já encenaram algumas sabotagens para iniciar uma guerra ou ter uma desculpa para invadir

outro país, inventando pretextos e forjando práticas que legitimariam a intervenção direta.

Entre vários outros pretextos, o pentágono também sugeriu a encenação de um ataque à base Naval de Guantánamo, por alguns cubanos fantasiados com um fardamento do Exército rebelde, razão propagandista que Hitler usara para invadir a Polônia. Também foi sugerida a explosão de um navio norte-americano em Guantánamo, para atribuir a culpa ao governo de Fidel Castro, reproduzindo assim o afundamento do Maine, (navio com duzentas pessoas), que em 1898 servira como justificativa para os Estados Unidos declararem guerra à Espanha e intervirem em Cuba (BANDEIRA, 2005, p. 217).

Dentro do contexto intervencionista o autor SCHILLING (2002 p. 130) denominou esse tipo de prática como “Intervenção armada indireta”, na qual os EUA financiam e prestam apoio militar para uma facção ou grupo para que estes, através da força, possam derrubar governos não colaboracionistas, provocar guerras e atentados terroristas.

Um suposto atentado terrorista na fronteira, executado pelos EUA, poderia servir de álibi para forçar, no âmbito internacional, a instalação de bases militares estadunidenses dentro do Brasil. Os EUA já se fazem presentes na Argentina sob o pretexto de combate a dengue e no Paraguai em função de “ajuda humanitária” (ÁVALOS, 2005, p. 27).

Num artigo de 2002 para a revista Vanity Fair, o repórter Sebastian Junger descreve seu encontro com o Ex-agente argentino Mario Aguillar Rizi, que passou anos investigando dois atentados contra os alvos israelenses em Buenos Aires, em 1992 e 1994. Rizi conta que se deparou com campos de treinamento em fazendas próximas à fronteira com células do grupo libanês Hezbollah e da rede Al Qaeda, além de membros do grupo basco ETA e de outras facções terroristas. (Disponível em: <http://h2foz.com.br/modules/noticias/article.php?storyid=4200> . Acesso em fevereiro de 2006 as 21h32min).

Existem muitos artigos e notícias que especulam sobre o envolvimento da Tríplice Fronteira como responsável por esses atentados que ocorreram em Buenos Aires.

Na revista *Isto É* veiculada no dia 24/07/2004, um artigo assinado por Carlos Alberto Ferrugem cita a relação do terrorismo com a Tríplice Fronteira. O artigo menciona que investigadores da promotoria da cidade de Nova York, da CIA e de Israel estiveram na região investigando e chegaram a conclusão que muitos moradores descendentes árabes estavam ligados ao narcotráfico, ao atentado da AMIA em Buenos Aires e a vários grupos islâmicos terroristas como Al La-Gamal, Islamyia, Hezbollah e Hamas.

Em uma extensa rede de acusações a países como supostos terroristas, os Estados Unidos criam o discurso “*Axe of Evil*”⁸, ou seja, o Eixo do Mal.

Dentro desse eixo do mal entrariam os países “não alinhados” às políticas norte-americanas e que representassem “perigo” para sua hegemonia. Foram também inseridos nesse grupo os países ricos em matérias primas⁹, que poderiam ser facilmente ocupados e dominados pela política externa estadunidense.

O discurso provocante de Bush em 2002, no Estado da União depreciando o Iraque, Irã e a Coreia do Norte como um “Eixo do Mal” poderia ser entendido como um laço aos seus eleitores fiéis, como uma reinterpretação religiosa do caso da guerra de ocupação territorial (PHILIPS, 2003, p. 274).

⁸ Título pejorativo que os Estados Unidos dão aos países que supostamente abrigam terroristas e não aceitam a hegemonia intervencionista norte-americana.

⁹ Entre esses países estão o Iraque, país pobre que não apresentava nenhuma ameaça militar aos Estados Unidos mas tem um dos maiores reservatórios de combustíveis fósseis do mundo.

O discurso do Eixo do Mal serviu para que os EUA se escondessem atrás do poder simbólico do bem e do mal, ou seja, eles fazem a guerra do Bem contra o Mal independente das opiniões públicas, das leis e acordos internacionais.

Percebe-se que a guerra pós-moderna desenvolve tanto a democracia formal como a comunicação virtual: ao mesmo tempo em que os inimigos são satanizados, os amigos das democracias ocidentais são santificados, através de uma comunicação globalizada (FARIAS, 2001 p. 78).

Esse conceito de *Axe of Evil* tem um objetivo semelhante ao do *Manifesty Destiny*¹⁰, no qual o fardo do homem branco era levar a Democracia a todos os cantos do mundo em luta contra a *selvageria*, — agora comparada ao terrorismo — e através dessa justificativa invadiu e dominou inúmeros países na América Latina e Central como Panamá, México, Cuba e Colômbia (SCHILLING, 2002).

Essa teoria serviu para a imprensa criar uma demonização de Sadam Russein, para que as tropas dos EUA, mesmo sem o consentimento da ONU e de todos os organismos internacionais, pudessem invadir o Iraque.

Outro conceito que o governo dos EUA lançou após o 11 de setembro é a teoria dos *Preventive Atacks*, ou seja, a teoria da Legítima Defesa Preventiva, em que os EUA poderiam atacar quaisquer Estados apenas desconfiando, como uma maneira de se

¹⁰ Doutrina de expansão dos Estados Unidos, o Manifest Desitny implicava a anexação de todas as terras adjacentes, cumprindo a virtual e inevitável missão moral delegada por Deus. Tem caráter intervencionista de interferir nos países que são considerados por eles incivilizados, bárbaros, comunistas, guerrilheiros, terroristas, e busca através da intervenção “levar a democracia”.

prevenir. Essa teoria cria uma falsa sustentação para que os EUA possam seguir acusando muitos países de terrorismo, para em seguida invadir os mesmos e roubar suas riquezas.

Ao final de julho, o Wall Stret Journal publicou um ensaio de dois Ex-procuradores do departamento de justiça que alegavam que os EUA estariam “*em seu pleno direito*” em atacar o Iraque e derrubar o governo, baseado na conhecida lei da Legítima Defesa PREVENTIVA. (SOLOMO, 2004, p. 99 *Grifo nosso*).

Esta lei, promulgada pelo senado Norte-americano sobre a legítima defesa preventiva, foi brutalmente criticada e anulada nos conselhos de jurisdição internacional, principalmente na União Européia. O governo Bush também foi acusado por políticos europeus de utilizar leis arbitrárias para impor sua hegemonia bélica em outros países.

Baseadas na lei *Preventivs Atacks* ocorreram especulações de que os EUA poderiam atacar de surpresa a Tríplice Fronteira e a Coréia do Norte com o objetivo de surpreender os supostos terroristas (CANZIAN, 2004).

O problema das acusações sobre a Tríplice Fronteira e de muitas outras não citadas neste trabalho pelo excesso de exemplos, é que existe uma repercussão na mídia desses relatórios emitidos por seções governamentais estadunidenses, representantes políticos e organizações internacionais. Jornalistas e editores utilizam o sensacionalismo e acabam disseminando as notícias rapidamente em grande escala pelos meios impressos, televisivos, eletrônicos e radiofônicos, desconsiderando análises mais profundas.

O neurocientista argentino Izquierdo (2002, p. 36) afirma em relação aos meios de comunicação: “A mídia omite as notícias boas,

mas curte imensamente as catástrofes naturais, os massacres....”, pois as mesmas geram mais polêmica, chamam mais atenção e muitas vezes essas informações se prestam para más interpretações.

Como acusações de terroristas na Tríplice Fronteira é assunto grave e de interesse internacional, notícias desta natureza acabam se disseminado rapidamente pelos meios de comunicação e produzindo um resultado esperado pelos produtores dos mesmos relatórios:

1º - Chocar a comunidade internacional;

2º - Denegrir a imagem da Tríplice Fronteira, associanda a um estado de barbárie;

3º - Legitimar teóricamente o perigo mundial que esta região oferecem ao planeta, a fim de fomentar intervenções futuras.

A sub-secretária de Estado para a Divisão Internacional de Narcóticos e Fiscalização dos Estados Unidos, Anne Patterson, afirmou que:

*Aquela região – Tríplice Fronteira - é uma área sem governo há muitas gerações, um centro de contrabando e agora – data base 3 de março 2006 - está sendo usada para facilitar financiamento ao terrorismo. (O Paraná, 3 de março de 2006. Ano 30- N.8971/ **Grifo nosso**)*

Bartolomé ajudando a problematizar o contexto da Tríplice Fronteira e utilizando de teóricos como Peter Lupsha, Jean-Marie Guéhenno e Eric de la Maisonneuve, afirma que a “tríplice fronteira com suas organizações criminosas ocasionava a erosão da legitimidade do governo e formava uma região de “não direito” que serve de refúgio e guarida para organizações terroristas e criminosos” (BARTOLOMÉ, 2001, p. 34, **Grifo nosso**).

O psicólogo Glassner (2003) afirma que a disseminação do medo serve como arma para manipular as pessoas e opiniões. Afirma ainda que o governo Norte-americano dissemina medos ilegítimos porque:

[...] no discurso público os medos proliferam e crescem cada vez mais por meio de temores e contratemores [...] muito poder e dinheiro estão à espera daqueles que penetram em nossas inseguranças emocionais (GLASSNER, 2003, p. 39).

O discurso de espalhar o medo e chocar a opinião pública se torna muito fácil com o advento da tecnologia, pois apenas emitindo relatórios oficiais com acusações de terroristas, a grande mídia internacional se encarrega de disseminar por jornais, televisão, e-mails e rádio.

[...] no medo é necessário criar a idéia de um perigo, ameaça, inimigo poderoso ou força sem limites que se coloca fora e por cima da vítima. Os grupos sociais ou as pessoas atacadas pelo medo ficam paralisadas enquanto sentirem que esse inimigo externo os ameaça. Daí que o regime que usa o terrorismo, o medo como arma de controle social deve estar sempre criando as situações de medo, inventando perigos, explorando as situações de ameaça para manter acesa a chama do medo (SOUZA, 2003, p. 46).

Macluhan teoriza que os meios de comunicação vêm se tornando extremamente importantes e poderosos “A tinta e a fotografia estão suplantando os soldados. Diariamente, a pena se torna mais poderosa do que a espada” (MACLUHAN, 1964, p. 226).

Os meios de comunicação de massa acabam guiando as opiniões da população em geral, preocupando-se apenas com as notícias superficiais, desprovidas de uma análise mais aprofundada do assunto, dessa forma prejudicando a visão de entendimento do leitor.

Entre esses novos poderes, o dos meios de comunicação de massa aparece como um dos mais poderosos e temíveis. A conquista de audiências maciças em escala planetária desencadeia batalhas homéricas. Segundo o vice-presidente (EUA) Albert Gore, “representam para os Estados Unidos de hoje o que as infra-estruturas do transporte rodoviário representaram no meio do Séc. XIX (RAMONET, 1998, p. 72)

O jornal Valor (SERGIO, 2005) registra uma visita de Donald Rumsfeld¹¹ ao Paraguai, que acendeu as paranóias – na mídia – no Cone Sul, pois se seguiu à decisão paraguaia de firmar um acordo militar com os EUA com cláusulas secretas¹² e imunidade jurídica aos marines que desembarcaram no país vizinho.

Essa notícia teve uma repercussão continental, pois fontes governamentais estadunidenses já tinham afirmado em seus relatórios a existência de células terroristas na região e a sua intenção de intervir militarmente “atacando de surpresa os terroristas da tríplice fronteira”.

Segundo o jornal A Gazeta do Iguazu de 5 de abril de 2006, os Estados Unidos afirmam que instalaram bases militares na região do Paraguai (próxima à tríplice fronteira) para combater a miséria e também para oferecer ajuda humanitária. Informação esta que se repete em jornais paraguaios. O mais contraditório nessas afirmações é: porque se fazem necessárias metralhadoras e equipamentos bélicos para oferecer ajuda humanitária?

¹¹ Secretário de Defesa norte-americano que visitou em julho de 2005 o Paraguai. Foi mentor dos genocídios cometidos no Afeganistão e no Iraque executados pelas tropas Norte-americanas e Inglesas sem o consentimento da ONU no período 2002-2006.

¹² Acordo militar sob a lei N.2594 em que o governo Paraguaio autorizou a entrada de militares estadunidenses com caráter de imunidade diplomática, ou seja, se os mesmos cometem um delito ou crime não podem ser julgados pela justiça paraguaia de acordo com a convenção de Viena.

Porque instalam bases militares em vez de hospitais e porque mandaram soldados (ÁVALOS, 2005, p. 27) em vez de assistentes sociais, dentistas e médicos?

Por que utilizam soldados armados e treinados para a guerra para combater a dengue? Infelizmente estas perguntas raramente sairão na mídia, pois a imprensa está preocupada apenas com a nata ou a espuma imediata dos acontecimentos recentes e se esquece de olhar para o passado e concatenar acontecimentos sociais.

Mas o que faz a imperfeição do jornalista é menos a precipitação da sua pesquisa do que a mocidade de suas fontes e a raridade dos cruzamentos a que pode proceder. (LACOUTURE, 1988, p. 219, *In*: LE GOFF, 1988).

Um dos motivos que serviu para instigar os EUA a acusarem a Tríplice Fronteira de hospedeira de terroristas é sua posição geográfica invejável no centro da América Latina e fronteira com três países, um lugar estratégico em caso de conflitos e guerras.

Tanto por motivos geo-estratégicos quanto por interesses econômicos e comerciais, sobretudo da indústria bélica, os estados Unidos também continuaram a envolver-se nos conflitos regionais, [...] O rótulo de “humanitarian intervention”¹³, acolchoou os objetivos imperialistas e constituíram a *nationale* freqüentemente usada para suas intervenções militares, que violando os princípios de não intervenção e respeito à soberania nacional provocavam, por vezes, morticínio maior do que gerados pelo conflito doméstico ou guerra civil. O pretexto para tais intervenções sempre foi proteger seus cidadãos ou os cidadãos de outra nação. (MONIZ, 2005 p. 553).

¹³ Humanitarian Intervention, ou Intervenção Humanitária é o pretexto que os EUA utilizam para infiltrar em países pobres seus militares, e buscam com isso, o maior domínio bélico dentro de outros países. Isso aconteceu com o Paraguai, que é um grande devedor (dívida externa) dos EUA e acabou cedendo às pressões e deixando que os militares estadunidenses ocupassem o país.

Os Estados Unidos, instalando bases militares na região da tríplice fronteira, acabam criando expectativas e medos na população em geral, pois se sabe que no cenário mundial tal país provoca guerras para vender armas e interferir politicamente e economicamente (LEO, 2005 p. A2).

Pode-se analisar o modelo intervencionista que os EUA têm com os países pobres e devedores como Paraguai, Argentina, Colômbia e o Equador ao suprimir a soberania do país instalando bases militares com armamentos perigosos. O artigo¹⁵ da carta da Organização das Nações Unidas (ONU) declara:

Nenhum Estado ou grupo de Estados tem o direito de intervir, direta ou indiretamente, seja qual for o motivo, nos assuntos internos e externos de qualquer outro. Este princípio exclui não somente a força armada, mas também qualquer outra forma de intervenção ou tendência atentatória à personalidade do Estado e dos elementos políticos, econômicos e culturais que o constituem. [...] O território de um Estado é inviolável; não pode ser objeto de ocupação militar, nem de outras medidas de força, tomadas por outro Estado, direta ou indiretamente, qualquer que seja o motivo, embora de maneira temporária. (Disponível no site: <http://www.onu-brasil.org.br/>. Acesso em 25 de agosto de 2005 as 15h00).

Os jornais iguaçuenses¹⁴ citados neste trabalho, como também a população da Tríplice Fronteira acredita que as desculpas norte-americanas de “Ajuda Humanitária e Combate à Dengue” são meros pretextos para impor a presença bélica na região para a sustentação da sua hegemonia na América pobre.

No artigo do jornal a Gazeta do Iguaçu (PIMENTEL, 2006, p. 1), “Bandeira afirma que os norte-americanos se valem de

¹⁴ Cito A *Gazeta do Iguaçu* e *Jornal do Iguaçu*, os jornais de maior circulação na Tríplice Fronteira.

especulação de terroristas e tráfico de drogas para manter a presença militar na América do Sul.”.

Segundo Rorato (deputado Estadual PMDB), (PIMENTEL, 2006, p. 1), os objetivos das especulações terroristas são: “a possibilidade de instalar uma base no Paraguai e o controle sobre o reservatório subterrâneo de água doce que abrange cinco Estados Brasileiros e parte dos territórios de Argentina, Uruguai e Paraguai”.

Segundo Reni Pereira (Deputado Estadual PSB) (PIMENTEL, 2006, p. 1) o pretexto para as acusações não comprovadas é: “para instalarem bases militares no Brasil e na Argentina”.

O Jornal do Iguazu (MARTA, 2006, p. 5) afirma que a presença militar norte-americana na América do Sul é muito grande, principalmente em volta do Brasil, nas regiões próximas à Amazônia brasileira e na Tríplice Fronteira.

A lógica de se instalar bases norte-americanas na região Amazônica e Tríplice Fronteira tem uma simples finalidade estratégica: na Amazônia encontra-se a maior reserva de biodiversidade (fauna e flora) e o rio mais volumoso do mundo; na região da Tríplice Fronteira se encontra o aquífero Guarani¹⁵, maior reservatório de água doce do planeta (BORGHETTI, 2004, p. 161). Além disto, ambos os territórios fazem fronteira com outros países e servem estrategicamente em caso de guerras.

No contexto geo-estratégico da Tríplice Fronteira não apenas a fronteira, mas a região se localiza numa equidistância dos dois

¹⁵ Aquífero Guarani é um reservatório de água doce que se encontra no subsolo e abrange uma extensa área do Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai.

oceanos, facilitando a chegada às principais capitais: Montevidéu, Assunção, Buenos Aires e Brasília.

Segundo o coronel da infantaria José Alberto da Costa Abreu, os principais reflexos para o Brasil da expressiva presença Norte-Americana nos países da América do Sul são; diminuição da capacidade brasileira de projetar poder em âmbito regional e a existência de um cinturão de *instalações norte-americanas próximas às fronteiras* brasileiras, principalmente na região amazônica (VALENTE, 2005, p. 14, *grifo nosso*).

A região da Tríplice Fronteira também tem uma malha fluviária invejável e um projeto da utilização dos rios da Bacia do Prata para a criação de um Porto Intermodal Internacional, importantíssimo para a geopolítica regional, que aumentaria o fluxo de comércio na região e abaixaria os custos de transporte (REDAÇÃO/GAZETA, 2006, 21 de abril, p. 6).

O problema do contrabando e descaminho de mercadorias na região da Tríplice Fronteira é um fenômeno social já instaurado há mais de quarenta anos e que serve como fonte de trabalho informal para mais de 5 mil pessoas diretamente e quarenta mil indiretamente.

Segundo o Moniz, (2005) os EUA utilizam o discurso de terrorismo na Tríplice Fronteira *também* para acabar com o comércio liderado por países Asiáticos e poder ter mercado para vender seus produtos, pois é uma preocupação dos EUA frear o grande crescimento econômico chinês.

A Estratégia de chocar a opinião pública internacional com acusações de uma “terra sem governo” habitada por “terroristas suicidas” tem a intencionalidade de formular intervenções para sustentar a economia norte-americana no contexto do Séc. XXI, apropriar-se de mercados, de matéria-prima, de mão-de-obra barata

para suas empresas multinacionais e de lugares estratégicos para coibir os países através da coerção bélica.

Portanto, falta somente preparar a opinião pública dos Estados Unidos para a intensificação da presença de suas forças militares e policiais nesta riquíssima fonte de matérias-primas [...] (FARIAS, 2001, p. 87).

AQÜÍFERO GUARANI E GEOPOLÍTICA

O Aquífero Guarani é considerado o maior reservatório de água doce potável subterrâneo no mundo, se entende pelos territórios de Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai. A água, produto imprescindível para a vida, vem se tornando um produto escasso no mercado internacional. Segundo pesquisas da ONU, em 2025, haverá uma demanda de água, 56% maior que o disponível, ou seja, mais da metade da população mundial sofrerá com a escassez da água (ARRÚA, 2005, p. 1).

Seguindo a lógica mercantilista da lei da oferta e procura, a água terá um valor altíssimo, equivalente ao petróleo nos dias de hoje.

Países como Brasil e outros da América do Sul têm e manterão excedentes hídricos, o que não se verifica em países europeus e nos Estados Unidos e Ásia (BORGHETI, 2004).

A busca por recursos hídricos pode desencadear novas situações de confronto militar, pois a água é indispensável para o desenvolvimento humano e para a vida (FELICIDADE, 2003).

Gerações futuras sofrerão com a escassez da água, portanto torna-se imprescindível que países da América Latina criem leis que possam salvaguardar o direito à água para populações futuras, afastando grandes empresas multinacionais que submeteriam um produto de necessidade vital para a vida à lógica mercantilista.

Submeter o acesso à água a relações lógicas de mercado significa não só privatizar e mercantilizar o ciclo hidrológico natural, mas também criar relações de domínio sobre as possibilidades de reprodução tanto dos novos excluídos do acesso ao recurso quanto de outras espécies naturais. Desse modo, a criação de mercados de direitos de água não é uma forma alternativa de gestão dos recursos hídricos, mas uma nova frente para investimentos e acumulação de capital, mantendo, evidentemente, todas as características excludentes que o processo resguarda (FELICIDADE, 2003, p. 72).

Há poucos anos o Uruguai, para proteger parte do Aquífero Guarani pertencente a sua região e proteger seus cidadãos de grandes Multinacionais e interesses de outros países, formulou um referendo nacional que resultou na estatização do controle, acesso e comercialização da água, garantindo às gerações futuras o direito a água sem especulações internacionais.

No Brasil, como não há legislação específica que discipline o uso das águas subterrâneas e coíba a abertura de novos poços, essa franquia de ordem legal tem contribuído para problemas de superexploração (BORGHETTI, 2004, p. 122).

Devido à vulnerabilidade do Aquífero Guarani no âmbito de proteção jurisdicional que regulamente e proteja seu potencial hídrico, os Estados Unidos conjuntamente com órgãos internacionais estão pressionando e fazendo *lobby*¹⁶ para criar uma espécie de “região transnacional protegida pela OEA” que possa servir para a sustentação teórica que legitime a apropriação e comercialização dos recursos hídricos do Aquífero Guarani.

¹⁶ Expressão idiomática utilizada para designar a ação de buscar meios alternativos através da diplomacia ou chantagem e coerção para conseguir um fim desejado.

O Banco Internacional para Reconstrução e desenvolvimento (BIRD) por meio do Fundo Internacional para Reconstrução de Desenvolvimento (GEF) e com a administração da Organização dos Estados Americanos financiam projetos de Estudos sobre o Aquífero Guarani, financiam pesquisadores de universidades que *articulam gestão que inclui arranjos jurídicos e institucionais transfronteiriços* (BORGHETTI, 2004, p. 161, *Grifo nosso*).

Deixar que o BIRD, GEF e OEA comandados pelos Estados Unidos criem arranjos jurídicos e institucionais transfronteiriços para regulamentar riquezas pertencentes aos latinos americanos¹⁷, é perder toda a soberania nacional e algemar o futuro dos países a conveniências de outros.

Atualmente — data base 2006 — existe tensão sobre o domínio da água em diversos países, como no caso de Israel que busca o controle sobre o rio Jordão excluindo “grande parte da população palestina, que fica com apenas 1/5 dos recursos hídricos da região” (FELICIDADE, 2005, p. 75).

Pelas grandes desproporções que existem na distribuição de água doce no planeta terra, muitos pesquisadores e cientistas estão alarmando a sociedade para um uso racional e inteligente dos recursos hídricos do planeta. Tais pesquisadores têm alertado as massas de que as próximas guerras do séc. XXI não serão pelo petróleo e sim pela água.

A população humana está crescendo explosivamente, mas a demanda por água está crescendo duas vezes mais rápido. Ismail Serageldin, o vice-presidente do banco para assuntos relacionados ao meio ambiente e presidente da Comissão Mundial da Água, declarou rudemente, alguns anos atrás, que “as guerras do Século XXI serão travadas por causa da água”. (VILLIERS, 2002, p 36).

¹⁷ Refere-se neste caso, a população Brasileira, Argentina, Paraguáia e Uruguáia.

Um precedente histórico que os EUA não são auto-suficientes na questão do petróleo é a utilização do discurso terrorista no Iraque e da fabricação de armas de destruição em massa para chocar a opinião pública e depois invadir o país, apropriando-se de seu petróleo. Poderiam utilizar a mesma lógica intervencionista para conseguir a água, pois segundo Borgheti (2004) os Estados Unidos e a Europa não conseguirão abastecer sua população com água potável em poucas décadas.

Apesar das muitas especulações que existem a respeito das tensões sobre o domínio das águas e sobre o que pode acontecer no futuro, não podemos descartar a hipótese de futuros conflitos na região.

Talvez com o advento da tecnologia, poderá num futuro próximo o homem dessalinizar a água do mar em nível comercial, e não existirão conflitos por este recurso, que está se tornando precioso e caro (VILLIERS, 2002).

“As guerras pela água talvez sejam causadas pela loucura, pela insensatez humana, mas elas talvez ainda sejam evitadas pela engenhosidade humana” (VILLIERS, 2002, p. 426).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se que devido à grande insistência que os Estados Unidos têm em acusar a Tríplice Fronteira como uma região perigosa, sem governo, com terroristas em potencial, com cartéis de droga e contrabando que dominam a cidade, supõe-se que existe muito interesse no domínio dessa área que é abundante em riquezas naturais,

posição estratégica, tem mão de obra barata e um possível mercado para seus produtos.

O psicólogo e estrategista militar Ponce (2005) cita que para a dominação de um país ou região é necessário o controle da população que se faz através do domínio ideológico utilizando os meios de comunicação como aliados.

Transmitir a mensagem de forma exaustiva, abrangente, comovedora e como se fosse generalizada. *A saturação da informação deve ser acompanhada pela ênfase em um culpado pela situação, um bode expiatório, por exemplo, os terroristas.* Dessa maneira destaca-se o inimigo externo, o qual facilita a coesão das massas a nosso favor, canaliza sua ira e semeia a divisão dos inimigos [...] (PONCE, 2005, p. 71, **Grifo nosso**).

Os Estados Unidos vêm acusando exaustivamente a Tríplice Fronteira há quase uma década, sendo que essa estratégia faz parte do Plano Tríplice Fronteira no qual os EUA definem nossa região como “região Zona de Terrorismo Islâmico “para justificar a instalação de bases militares na região sob as ordens do SOUTHCOM¹⁸” (ESQUIVEL, 2005).

Atualmente — data base 2006 — os Estados Unidos utilizam o poder ideológico para criar certa instabilidade na região da Tríplice Fronteira e para forjar uma zona de “não direito”¹⁹ que possa servir como pretexto para outras aplicações de poderes futuramente.

¹⁸ SOUTHCOM é a sigla do comando militar norte-americano, também conhecida como Comando do Sul e tem como campo de atuação a América Latina.

¹⁹ Não direito é um estado ou nação que vive sem um poder legítimo, a mercê de comandos terroristas, facções criminosas e ou grupos que brigam entre si para o domínio da região.

O poder ideológico é aquele que se vale da posse de certas formas de saber, doutrinas, conhecimentos, às vezes apenas de informações, ou de códigos de conduta, para exercer uma influência sobre o comportamento alheio e induzir os membros do grupo a realizar ou não realizar uma ação (BOBBIO, 2003. p. 82).

A estratégia de chocar a comunidade internacional com a comunidade Islâmica de Foz do Iguaçu acaba criando imaginários sociais que ajudam a fortalecer as desigualdades sociais e a desagregação de culturas.

Todas as especulações sobre a intencionalidade da aplicação ideológica do discurso dos EUA em relação à Tríplice Fronteira forjam uma certa desconfiança na população dos países desta região que vive pacificamente e buscam “não entrar na paranóia do Cone Sul” (LEO, 2005, A2) habitado por terroristas e norte-americanos.

REFERÊNCIAS

PERIÓDICOS

CANZIAN, Fernando. Americanos cogitaram atacar alvos na Tríplice Fronteira após 11/9, **Folha de S. Paulo**, 2 de Agosto de 2004.

ESQUIVEL, Adolfo Perez. A impunidade e o ingresso de tropas dos E.U.A. no Paraguai, **Jornal Primeira Linha**, Caderno Folha de Notícias, Edição 837, Foz do Iguaçu, 18 a 24 de agosto de 2005.

LEO, Sergio. O problema Paraguaio, **Valor**, São Paulo 19 de setembro de 2005.

MARTA, Stela. Estudo do Exército detalha presença norte-americana na América do Sul, estudo também confirma o interesse dos EUA na tríplice fronteira, **Jornal do Iguaçu**, Foz do Iguaçu, 19 de agosto de 2005.

PIMENTEL, Ronildo. Tríplice Fronteira, Imprensa Nacional desmistifica terrorismo, **A Gazeta do Iguaçu**, Foz do Iguaçu, Caderno 1, 7 de novembro de 2005.

PIMENTEL, Ronildo. Fronteira, Estudo aponta ação militar norte-americana, **A Gazeta do Iguacu**, Foz do Iguacu, Caderno 1, 20 de janeiro de 2006.

REVISTAS

ABBOTT, Philip. Ameaça terrorista na área da Tríplice Fronteira: Mito ou Realidade? **Military Review**, Janeiro-Fevereiro de 2005.

ÁVALOS, Carlitos. Marines do outro lado do rio, **Revista Idéias**, Ano II n. 26 2005.

BARTOLOMÉ, Mariano César. A tríplice Fronteira: Principal Foco de Insegurança no Cone Sul-Americano. **Military Review**, 2º Trimestre de 2003.

PONCE, José Ramón. Controle da população, **Military Review**, Agosto de 2005.

VIEIRA, André, Tempero Árabe, **National Geographic**. Novembro de 2005.

BIBLIOGRÁFICAS

BOBBIO, Norberto. **Estado Governo Sociedade**: Para uma teoria geral da política, 10. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

BORGHETI, Nadia Rita. **Aqüífero Guarani**: a verdadeira integração dos países do Mercosul. Curitiba, 2004.

CANEGHEM, Van Denise. **Agressividade e Combatividade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

CHOMSKY, Noam. **A política Externa dos Estados Unidos da Segunda Guerra Mundial a 2002**. Editora Movimento de consulta Popular Cartilha, n. 14, 2005.

CLUTTERBUCK, Richard. **Guerrilheiros e terroristas**. São Paulo: Biblioteca do Exército, 1979.

DWYER, Jim. **102 minutos**: A história inédita da luta pela vida nas torres gêmeas. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

FELICIDADE, Norma. **Uso e gestão dos Recursos hídricos no Brasil**: desafios teóricos e político-institucionais. São Carlos: RiMa, 2003.

GLASSNER, Barry. **Cultura do Medo**. São Paulo: Francis 2003.

- IZQUIERDO, Ivan. **Tempo de Viver**. São Leopoldo: Usininos, 2002.
- KEVIN, Philips. **Dinastia Americana**. São Paulo: Madras, 2004.
- LOBROT, Michel. **A favor ou contra a autoridade**. Rio de Janeiro: Alves, 1977.
- MONIZ, Bandeira Luiz Alberto. **Formação do Império Americano: da guerra contra a Espanha à guerra no Iraque**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- MOORE, Micheal. **Cara cadê o meu país?**. 2. ed. São Paulo: Francis, 2004.
- RAMONET, Ignácio. **A geopolítica do Caos**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira, Petrópolis-RJ: Vozes, 1998.
- SOLOMON, Norman. **Alvo, Iraque o que a Imprensa não contou**. São Paulo: Expressão Popular, 2004.
- SOUZA, Herbert José de. **Análise de Conjuntura**. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- VIEIRA, Maria Pilar de Araújo. **Pesquisa em história**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1993.
- VILLIERS, Marq de. *Água, como o uso deste precioso recurso natural poderá acarretar a mais séria crise do Século XXI*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

WEBBER, Darcilo, *Foz em números*, Foz do Iguaçu, 2003.

INFOGRAFIA

Disponível em:

<http://ruibebiano.net/docs/estudos/hrecente.pdf> Acesso em: dezembro23 de 2005 as 22h14min.

<http://terrorismo.embaixada-americana.org.br/?action=artigo&idartigo=565>. Acesso em fevereiro de 2006 as 15h23min.

<http://terrorismo.embaixada-americana.org.br/?action=artigo&idartigo=596>. Acesso em: 23 fevereiro de 2006 as 16h25min

<http://www.h-debate.com/Spanish/debateesp/hinmediata/tavares.htm> Acesso em 25 de janeiro de 2006 as 14:23 Hs.

<http://www.midiasemmascara.org/artigo.php?sid=2456> Acesso em: 14 de janeiro de 2006 as 22h46min.

<http://www.onu-brasil.org.br/>. Acesso em 25 de agosto de 2005 as 15h00minh as 10h45min.

http://www.whitehouse.gov/news/releases/2003/02/counter_terrorism/counter_terrorism_srtategy.pdf. (Acesso em 15 dezembro de 2005, as 22.23h).